

REELABORAÇÕES IDENTITÁRIAS: COLÔNIAS PARAGUAIS EM MATO GROSSO DO SUL.¹

Eudes Fernando Leite
Universidade Federal da Grande Dourados
eudesleite@ufgd.edu.br

A região sobre a qual se assenta a linha de fronteira entre o Paraguai e o Brasil, particularmente no setor lindeiro entre Amambay e Mato Grosso do Sul, pode ser considerada enquanto um lugar de encontros e desencontros, de limites e de possibilidades, de esperança e de estranhamento. Essa região que congrega limites e divisas é resultado de um longo processo histórico que envolve a disputa pela posse e o domínio dessa área por Estados Nacionais e grupos indígenas. São cerca de 1300 quilômetros que definem dois países, duas nações, dois povos sem cindir uma história de trânsitos que remonta ao período colonial, momento em que portugueses e espanhóis pleiteavam o domínio e os direitos sobre o lugar.

O fenômeno fronteira parece ter recuperado sua importância nos estudos, especialmente nas humanidades, a partir do momento em que a ideia de país e nação se fragilizaram ao longo do século XX, ocorrência marcada pela intensificação de movimentos migratórios em várias áreas do planeta, bem como o acesso às informações sobre esses deslocamentos adquiriu maior amplitude. Essa retomada temática tem implicado mudanças ou compartilhamentos nas ferramentas conceituais entre campos como a Geografia, A História, A Literatura, as Ciências Sociais, entre outras.

Para o caso do Brasil e seus vizinhos a definição de áreas limítrofes, pensada a partir do interesse dos estados nacionais decorreu de acordos diplomáticos, mas também de conflitos. A área aqui referida insere-se nessa condição desde o século XVI, embora as observações que farei aqui digam respeito à segunda metade do século XIX e primeira metade do século XX. Outro tópico a ser apontado é que a discussão que se segue é a respeito de homens e mulheres que atravessam fronteiras e desenvolvem uma historicidade em que os limites são constantemente reconfigurados para responder às

¹ - Este texto é parte resultante do projeto de pesquisa em andamento **A FRONTEIRA BRASIL-PARAGUAI-BOLÍVIA: História, Representações e Identidades**, com financiamento do CNPq (Edital Ciências Humanas/2016)

práticas humanas que marcam o sentido da fronteira. Em outros termos, a fronteira é significada a partir da experiência humana sobre ela.

Contemporaneamente o trânsito entre o Brasil e o Paraguai frequenta a mídia na condição de uma ambiência cujas marcas mais expressivas são a violência, o tráfico de drogas e o contrabando de produtos diversos, situação que expõe a existência de uma economia fronteira que reúne procedimentos e códigos de conduta de características transnacionais e que tem uma longa duração nessa fronteira, ou seja, decorrem de práticas verificáveis, pelo menos, desde o final do século XIX. Essa economia transfronteira, é importante considerar, é verificada em uma paisagem específica, mas sua construção é transnacional, marcada por circuitos de trocas mais amplos e complexos do que aqueles praticados na fronteira. Os ilícitos enquanto fenômenos da fronteira estão articulados a demandas localizadas em espaços outros, onde os produtos que implicam na transgressão dos códigos legais cumprem algum tipo de função social, política ou econômica.

A relação brasileiro-paraguaia na fronteira foi construída ao longo do tempo, como apontado, e se configurou na formação de relações de múltiplas trocas, contribuindo para a formação de uma identidade fronteira sustentada em negociações nos planos econômico, político, social e cultural. As relações entre “nacionais” dos dois países transcorreu de forma complexa, ambígua, mas seus resultados demonstram complementariedades que forneceram – e ainda fornecem - os sentidos e os significados da existência em áreas marcadas historicamente por interesses dos Estados, dos grupos sociais e dos indivíduos. Ou seja, não me parece suficiente pensar as relações entre brasileiros e paraguaios exclusivamente sob a égide da ação de um fenômeno único.

Nesse sentido, é importante aproximar nossas perspectivas em relação à influência que as demandas humanas geram no interior, não apenas da faixa ou da linha de fronteira, mas também compreender como elas interagem em ambientes que adentram ambos os países que aqui estão em foco. Algumas circunstâncias dessa questão podem ser minimamente elencadas nesse momento, como é o caso das colônias estrangeiras neles existentes, os modelos dos *outsiders* que são construídos e passam a fazer parte da vida não apenas dos “forasteiros”, mas, sobretudo, da comunidade

estabelecida, ou ainda, compreender como se constroem as relações culturais e sociais em um ambiente pautado na coexistência dos diferentes em busca, na grande maioria das vezes de interesses comuns a partir da construção de sociabilidades que mesclam interesses variados. A partir do momento em que as pessoas se afastam longitudinalmente de seus países de origem, é necessário atentar de maneira diferente para o que elas julgam representar a fronteira; sendo assim, a nossa intenção precisa considerar aspectos materiais e aspectos simbólicos das “artimanhas” de produção de sentidos que essas pessoas e nós mesmos atribuímos ao que pontuamos sub-repticiamente como uma forma de separação.

A fronteira enquanto fenômeno histórico deixou, há tempos, de ser entendida conceitualmente exclusivamente como espaço político-administrativo-militar, cujo protagonismo se dava entre estados e nações, tal como entendia a História Diplomática, ou a maneira como estabelecem a maioria dos Tratados Históricos que objetivaram definir espaços de forma precisa. No caso das Américas, os velhos tratados ao mesmo tempo em que indicavam as pretensões de controle e domínio das potências colônias sobre as “terras descobertas”, enunciaram as estratégias de ação em favor do povoamento sobre territórios ocupados pelas sociedades locais, construindo assim os primeiros movimentos de alargamento fronteiriço: o avanço colonizador sobre terras indígenas.

Historicamente, o processo de construção definitivo das fronteiras americanas, a partir das vontades políticas dos europeus, começou a ser desenhada para as novas terras desde 1494 e se desdobraram ao longo da colonização, colocando frente a frente os interesses dos espanhóis e dos portugueses. A sempre lembrada bula papal em que os espaços a serem “descobertos” seriam divididos por espanhóis e espanhóis marca, ainda hoje, o imaginário ocidental acerca da primeira linha fronteiriça imposta à América. No século XVIII tais tentativas ganharam maior intensidade, especialmente por conta do aprofundamento da colonização da América, acontecimento que trouxe consigo conflitos entre colonos – e, certamente, do confronto de interesses – das duas coroas envolvidas na conquista da América a espanhola e a portuguesa. Ao mesmo tempo o violento conflito se desdobrou entre colonos e indígenas, inicialmente tomados como aliados, para em seguida serem submetidos à condição de escravidão. Em linhas gerais,

a segunda metade dos XVIII pode ser compreendida como um período relevante para o rascunho das fronteiras do futuro Brasil e das futuras nações que se originaram da fragmentação dos vice-reinados hispânicos na América.

A Fronteira Brasil-Paraguai

A historiografia – de ofício e amadora – registra os movimentos intensos de entrada de paraguaios em Mato Grosso, apontando com ênfase dois momentos distintos, mas longe de ser antagônicos: o primeiro antecede a Guerra da Tríplice Aliança, enquanto o segundo ocorre após o fim do conflito e se desdobra em vários outros períodos. Entendo que esse acontecimento é marcante para a história dessa fronteira, constituindo-se em um acontecimento de longa duração, cujos impactos sobre o processo histórico regional são perceptíveis até a contemporaneidade.

Ato sempre referido como marcante para a República do Paraguai e o Império do Brasil ocorreu em 1857, com a assinatura do Tratado que permitiu a navegação pelo Rio Paraguai, decisão entre Estados nacionais que assegurou maior e mais tranquila circulação de pessoas e mercadorias, fortalecendo os elos entre Assunção, Concepcion, Porto Murtinho e Corumbá.

O historiador canadense Robert Wilcox, radicado nos Estados Unidos, publicou um importante artigo em 1993, em que apresenta relevantes dados sobre a presença paraguaia no Oeste brasileiro, considerando o período de 1870 a 1935². A centralidade da discussão se dá em torno da questão migratória e seus extensos vínculos com o modelo capitalista em desenvolvimento no período, considerando o fenômeno migratório de paraguaios para a Província – depois estado – de Mato Grosso e, ainda, os movimentos de brasileiros rumo ao Paraguai.

Wilcox, no artigo, demonstra a intensidade dos fluxos entre o Brasil e o Paraguai e, especialmente, do Paraguai para o Brasil, fenômeno que marcou significativamente a história mato-grossense. A abordagem levada a efeito no texto, pautada por um variado conjunto de fontes, principalmente documentos, demonstra a dificuldade de precisar numericamente o trânsito entre o Brasil e o Paraguai, ao mesmo tempo em que permite

² O artigo foi originalmente publicado na Revista *The Américas*, Vol. 49, nº 4, p. 479-512, 1993. Em 2008, a Revista *Fronteiras*, publicou uma tradução no Brasil.

compreender que o fluxo se manifestava independente das tentativas de controle produzidas no âmbito dos estados nacionais. Os fluxos instituíram um fenômeno de longa duração e que se materializou na complexidade das relações entre as pessoas e os grupos que se relacionam com os limites, utilizando outras estratégias que não exclusivamente aquela que restringe. Esse movimento de entrada para o Brasil atesta também a existência de expectativas em relação ao país, condição favorecida pela proximidade geográfica e perspectivas de superar uma condição econômica frágil.

O intenso movimento de entrada de paraguaios no Brasil independe parcialmente das decisões e interesses dos Estados nacionais e as referências a seu lugar na história passou a ser considerado como consequência da Guerra da Tríplice Aliança. Os resultados do conflito legou a população paraguaia, um país destruído, situação que vem sendo considerada pela historiografia brasileira e paraguaia. Se a Guerra matizou disputas latentes e levou à guerra, as relações complexas entre os povos nas fronteiras independe e precede essa ocorrência porque as ligações entre as populações locais enfrentavam o cotidiano a sua maneira.

Nesse aspecto, conflito da Tríplice Aliança provocou uma drástica redução na população guarani e seu encerramento permitiu a ocorrência de uma diáspora guarani, em direção aos países vizinhos, inclusive para aqueles que antes mantinham relações ambíguas com o regime de Lopez. De forma paradoxal, a inimizade ou as desconfianças, tampouco outras restrições de caráter legal não interditaram a movimentação de paraguaios para lugares próximos às fronteiras. Curiosamente as rivalidades não impediram os fluxos para territórios, como o mato-grossense. Ilustrativa dessa circunstância é o caso de Corumbá, cidade que foi ocupada pelas tropas paraguaias em sua incursão à Província, seis anos depois de encerrada a contenda, em 1876, possuía metade de sua população composta por paraguaios e paraguaias. De acordo com o já referido historiador Robert Wilcox (2008), tal situação marcada pela significativa paraguaia, pouco se altera quando consideradas outras localidades fronteiriças, como é o caso da parte Sul, hoje correspondente ao estado de Mato Grosso do Sul.

Paraguaios nos censos oficiais e não-oficiais da Argentina e do Brasil³

ANOS	Argentina	Brasil
1876	-----	6000 (Corumbá)
1895	15.000 (fronteira noroeste: 6.500)	-----
1897	----	2.700 (região ervateira)
1900	30.000 (Argentina e Brasil)	
1913	----	20.000 (Mato Grosso)
1914	28.000 (fronteira noroeste: 14.000)	-----
1917	----	40.000 (Mato Grosso)
1920	----	17.000 (Mato Grosso: 13.000)
1920	100.000 (Argentina e Brasil)	

³ - Wilcox, Robert W. WILCOX, Robert W. Os paraguaios na Construção do Extremo Oeste do Brasil, 1870-1935. P. 18. Essa tabela é resultado de um esforço do autor que consultou diversas fontes para compor um quadro que minimamente permita um olhar panorâmico sobre o quantitativo de migrantes paraguaios nas regiões fronteiriças. Ou seja, os dados favorecem considerar não apenas a imprecisão das informações, mas principalmente permitem formar uma importante compreensão da diáspora paraguaia rumo à Mato Grosso e seus impactos sobre a região e ao Paraguai. É possível, portanto, comparar o caso brasileiro ao argentino.

1931	50.000 (Formosa)	50.000 (Mato Grosso)
1940	47.000 (11.800 (Mato Grosso)

A diáspora guarani foi motivo de preocupação, conforme assinala Wilcox (2008), para quem o movimento pode ser compreendido como decorrência de fatores internos e externos e que combinados funcionam como propulsores para homens e mulheres empobrecidos se deslocarem em busca de lugares que poderiam proporcionar melhor condição existencial, estruturando dessa forma as relações entre o fator de expulsão e o outro de atração.

Muitos dos maiores latifúndios do Paraguai estavam nas mãos de empresas que exploravam a erva-mate ou o quebracho, companhias madeireiras e criadores de gado. Empreendimentos similares também existiam no Brasil e na Argentina, e juntos eles ofereciam uma válvula de escape de um setor agrícola estagnado, prometendo salários nunca antes imaginados (Wilcox, 2008: 22).

Pode-se apontar que a presença paraguaia no Brasil, no período pós-guerra cresceu e se expandiu, especialmente porque essa migração supriu com mão de obra os vários processos de atividades econômicas em regiões como a mato-grossense, carentes de trabalhadores que recebiam baixa remuneração, mas com muita disposição para trabalhos pesados e em atividades geralmente realizadas nas áreas rurais. A condição empobrecida dessas pessoas levou a superexploração por proprietários de terras e em empresas como a Companhia Mate Laranjeira.

No período compreendido pelas décadas de 1880 e 1890, em Corumbá e em Cuiabá, verifica-se a presença de empresas de navegação encarregadas de realizar o trajeto fluvial entre Mato Grosso e as capitais platinas: Buenos Aires, Montevideu e Assunção. Há diversas referências que permitem perceber que as relações entre o Mato Grosso e Assunção, principalmente, se intensificaram progressivamente, favorecendo a presença das empresas voltadas para o transporte de mercadorias e, sem dúvidas, de pessoas e trânsito ou migrantes da região e da Europa.

Contudo, o interesse pelo Mato Grosso e que antecedeu a Guerra pode ser lembrado a partir de figuras expressivas como o Tenente Herrera e o futuro General Francisco Isidoro Resquin, militares que cumpriram tarefas importantes na observação

da região do baixo-paraguai, especialmente da então vila de Corumbá e das instalações militares da região. O caso de Resquin é emblemático quando se observa sua importância no contexto do conflito: de espião á comandante militar encarregado de diversas missões, Resquin é um dos poucos altos oficiais de confiança de Lopez que foi relegado a um lugar de menor importância no panteão dos heróis da Guerra. No Brasil, as “aventuras” de Resquin integram o enredo de um romance publicado em 1955; no livro, Resquin é tratado como um comprador de terras refinado, cuja presença chamava atenção, inclusive sobre um seu conterrâneo destacado para acompanhá-lo nas andanças pelo Pantanal e que estranhava seu comportamento inusitado; Risquinho, apelido conferido pelo guia ao patrão se tornou motivo de admiração para aquele paraguaio pobre e que sobrevivia de trabalhos esporádicos. (LEITE, 2016).

A migração, na abordagem aqui apontada, é um fenômeno histórico significativo na região fronteira, o que igualmente provoca outras implicações na formação cultural e identitária do sul de Mato Grosso, reverberando de forma expressiva na contemporaneidade. Algo que inicialmente parecia ser um fenômeno que provocaria um deslocamento populacional provisório se transformou numa diáspora que modelou profundamente a fronteira brasileiro-paraguaia e forneceu elementos para construção da identidade ou de uma das características identitárias de estado de Mato Grosso do Sul, criado a partir da divisão de Mato Grosso em 1977.

Sem menosprezar o significado as particularidades e a densidade desses eventos sempre compreendidos como marcantes para a constituição do Brasil enquanto país, nação e do próprio estado nacional, há que se pontuar que a consolidação da fronteira vem sendo considerada uma ambiência, ou seja, uma *localidade* na qual tanto os limites tanto limitam procedimentos e ações, quanto possibilitam atitudes e impulsionam ações no sentido de dotar as restrições em possibilidades de “avançar” sobre a fronteira, na direção da compreensão de transpassar os limites, promovendo muito mais do que movimentos migratórios de idas e vindas, mas, sobretudo de encontros e desencontros de grandes contingentes, sendo possível assim operacionalizar nesse intenso trânsito humano das migrações contemporâneas a noção de diásporas.

Assim, observa-se que a diáspora guarani interferiu profundamente na formação de uma identidade local – no Mato Grosso do Sul – produzindo o descentramento fenômeno apontado por Stuart Hall (2015), ou seja, a fragilização de uma ideia moderna em que a noção de identidade nacional sugeria a existência de sociedade coesas em seus aspectos culturais, sociais e econômicos. A proposição de Hall permite pensar a dificuldade de sustentar, de forma absoluta, a persistência de uma identidade ou de identidade nacional; melhor é considerar a existências de identidades.

A travessia da Fronteira em busca de um novo lugar para viver implicou, portanto, um movimento de caráter diaspórico que, no caso da fronteira Brasil-Paraguai acontece nas duas direções, ou seja, brasileiros se deslocam em direção ao território Paraguai, contrariando percepções que constatavam apenas a entrada de paraguaios ao Brasil. Essa movimentação vem se ocorrendo de forma mais intensa desde os anos 1950, principalmente, indicando a intensificação dos contatos entre os nacionais dos dois países, não sem provocar estridências com agentes sociais e organizações estatais (ALBUQUERQUE, 2010; BALLER, 2014). Teoricamente, a migração pode ser pensada de forma articulada com a diáspora porque traduz percepções reveladoras do mal-estar de indivíduos ou de grupos, sejam étnicos ou não:

De uma perspectiva etimológica, diáspora reflete a condição do sujeito que se encontra para além das bordas de seu grupo. A migração também diz respeito ao sujeito deslocado, o que leva a ter aproximações com os estudos diaspóricos. A diáspora como a migração implicam uma interconexão entre dois ou mais grupos. Estabelece-se tanto em um processo como no outro uma relação entre o estrangeiro e a comunidade que o hospeda. Por isso, os estudos diaspóricos servem aos de migração, pois em ambos existem questões semelhantes a serem pensadas, apesar de se tratar de processos diferentes. (FERNANDES, 2009, p. 85).

Os paraguaios em Mato Grosso contribuíram para a instalação de certa noção de fronteira em que a Guerra perde sensivelmente o lugar de referência central para se pensar a fronteira e seus significados na história regional. O recente estudo do historiador Leandro Baller (2014), segundo entendo, se instala como pesquisa de referência para a compreensão da ressignificação da Fronteira Brasil-Paraguai, que a rigor é igualmente Fronteira Paraguai-brasileira. Ocupado com a segunda metade do século XX, o autor mira [...] um espaço que vai além do que o Estado apresenta enquanto limite para o Brasil e o Paraguai (p. 13).

Baller se debruça sobre as atuais regiões leste do Paraguai, Mato Grosso do Sul e, principalmente, oeste do estado do Paraná. Sua pesquisa demonstra os fluxos humanos que existem nessa região, deixando explícita as sociabilidades ali produzidas e que independem ou se vinculam às restrições impostas pelos Estados. É impossível não enxergar nesse fenômeno o processo histórico que se encontra na base da contemporaneidade, percepção que implica olhar a fronteira não só pela ótica do poder do estado, mas perceber os fronteirços, ou nas palavras do autor: “[...] as relações fronteiriças ocorrem nas fronteiras e nos espaços de discussões políticas. [...] nesse local podem-se identificar vários países diferentes e que, ao mesmo tempo, não são nem um, nem outro [...]” (BALLER, 2014, p. 247)

A Fronteira passou a ser pensada como uma ocorrência histórica entre sociedades, no interior da qual repousam múltiplos aspectos merecedores de atenção. E com a finalidade de compreender a fronteira sob a perspectiva da História Cultural, cujo interesse é conhecer movimentos humanos – individuais e/ou coletivos – no espaço e no tempo, considera-se que o marco denominado fronteira decorre também das amplas relações estabelecidas por pessoas que usufruem desse lugar, inclusive quando essas relações influenciam diretamente nas articulações político-administrativo-militar. Nesse sentido, a fronteira é constituída pela ação das personagens históricas que nela vivem, circulam ou recebem informações, permitindo que se produza uma representação a respeito de um *locus* ambíguo e complexo. A fronteira representada só possui sentido social – prático – porque se estrutura e estrutura conceitos e procedimentos a seu respeito, revelando a impossibilidade da existência de limites absolutos.

Os conceitos de identidade e de representações se prestam para dar conta do conjunto de preocupações que se apresentam aos historiadores que veem se dedicando aos estudos das experiências humanas em áreas de fronteiras tanto aquelas devotadas aos conflitos culturais latentes, quanto as de baixa visibilidade que ocorrem em tais espaços. Senão de forma plenamente estabelecida, mas por ações e expressões simbólicas, os contatos em ambiência fronteiriça expõem interesses inerentes às condições históricas das sociedades que podem ser identificadas nos indivíduos que se relacionam nesses locais.

Um fenômeno impactante nessa direção é o aparecimento de diversas associações denominadas de “Colônia paraguaia” ou “Casa paraguaia”, em diversas cidades sul-mato-grossenses, independente da distância da fronteira. De forma pouco precisa é possível anotar a existência de Colônias Paraguaias nas cidades de Ponta-Porã, Amambai, Dourados, Bela-Vista, Campo Grande, Aquidauana, Nova Andradina e Corumbá. Considera-se que 10% da população de Mato Grosso do Sul se considera de origem paraguaia, o que indicia mais uma vez a intensidade das relações entre brasileiros e paraguaios e fortalecendo a identidade do morador da fronteira como fronteiriço.

A questão das colônias paraguaias em Mato Grosso do Sul é também um tema desafiador para os historiadores. Sua existência demonstra que há um conjunto de práticas sociais que geralmente são folclorizadas, mas que fundamentalmente revelam sensibilidades em relação a determinada memória acerca do lugar de origem, seja de si ou dos antepassados. Se no interior dessas organizações existem descendentes de paraguaios ou simpatizantes da designada cultura paraguaia, as estratégias utilizadas por seus dirigentes apontam para formas de inserção e consolidação de uma representação da nação guarani nem sempre associada ao Paraguai contemporâneo.

Referências bibliográficas.

ALBUQUERQUE, José Lindomar C. **A dinâmica das fronteiras: os brasiguaios na fronteira entre o Brasil e o Paraguai.** São Paulo: Annablume, 2010.

AYALA, S. Cardoso, SIMON, F. **Album gráfico do Estado de Matto-Grosso.** [s.n.t.), Hamburgo, 1914.

BALLER, Leandro. **Fronteira e Fronteiriços: a construção das relações socioculturais entre brasileiros e paraguaios (1954-2014).** Curitiba; CRV, 2014.

WILCOX, Robert W. Os paraguaios na Construção do Extremo Oeste do Brasil, 1870-1935. In **Fronteiras, Revista de história.** Dourados, vol. 10, nº 17, 2008, p. 11-54.

FERNANDES, Frederico. A poética da migração: narrativas orais açorianas na província de Ontário. In. **CERRADOS: Revista do Programa de Pós-Graduação em Literatura.** no. 28. Brasília: EdUNB, 2009. p. 85-97

GEBARA, Ademir (org.). **Leituras de Fronteiras: contribuições transdisciplinares.** Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

HALL, Stuart Hall. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 12ª. Ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

LAINO, Domingo. **Fronteiras e penetração brasileira.** São Paulo: Global, 1979.

LEITE, Eudes. História, literatura e espionagem: as marchas do General Resquín no Pantanal. In: GEBARA, Ademir (org.). **Leituras de Fronteiras: contribuições transdisciplinares.** Jundiaí: Paco Editorial, 2016, p. 91-116.

____ & BALLER, Leandro. Fronteira e fronteiriços. In. COLLING, Ana Maria e TEDESCHI, Losandro Antonio (orgs.). **Dicionário Crítico de gênero.** Dourados: EdUFGD, 2015, p. 289-296.

MARTINS, José de Souza. **Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano.** São Paulo: Contexto, 2009.

TELESCA, Ignacio (coord.). **Historia del Paraguay.** Asunción: Taurus, 2014.